OS SONHOS

POEMAS

PEDRO VALENTE

Àqueles que leram meus versos antes de todos, antes mesmo que eu os escrevesse.

Não tente compreender – é inútil. Sinta.

OS SONHOS

DEUS

Temos investido nossos músculos e vigores
em colar e lamber ataduras...caminhar distâncias isentas
de constelações e outras belezuras. Isentas
[sobretudo de dores verdadeiras.

Se fará tarde quando olharmos para trás,
mas ainda podemos aprender algo, creio eu.
Não será tarde para o agora!
Não será tarde para meus desejos insanáveis. Tenho de
seguir, tenho de ir.

(O passado nos explica e alicerça, o futuro, a perfeição,
o certo e o errado são teorias mitológicas
[que dá gosto pensar de vez em quando)

Ouça bem, meu amigo: eu me recuso a confiar na
matemática sombria destes homens. Acredito em

[vida, morte e tempo.

Procuro nas veredas que cortam meus versos
gritos que não defenestrei do meu íntimo
e agora decolam pela madrugada, pela madrugada real.
Sem o autoritariso que decora seu discurso
quem sabe você não possa se comunicar com as
árvores e luzes
que formam o metabolismo das coisas.

As crianças se deixam perder em burcas e rosários
enquanto vivem seu êxodo para a selva dos homens e suas coisas.
Junto com suas mãezinhas – espíritos lúgubres – buscam qualquer água
que possa adoçar suas mãos sedentas por toques.

Crianças de vinte anos pra mais
fugindo do planeta terra e sua maldição inevitável. Pobre delas.
Terão prostituir seus valores em esquinas longíquas,
muito além dos telescópios.

Viverão sua infância clandestina longe do sabor terrestre, longe de tudo que é bom
para alimentar a gordura dos seus sonhos esquálidos.
Não terão tempo de amar
nem ver os cometas rachando a virgindade celeste:
haverá muito trabalho e juros para

[comer.
Livres finalmente, morrerão.

Os livros pendurados em minhas estantes se recolheram em uma manhã de

[insenção.
Era minha oportunidade de recomeçar a jornada com outros olhares,
com outras expectativas que não o lodaçal.
Me pus em caminhada modesta até um lugar que eu não conheço, que não sei.

Fui buscar este lugar nas entranhas impenetráveis de uma brisa
que lambeu nossa planície civilizadas em poucos golpes.

Minha desgraça, minha sentença, minha benção:
o caminho que me aguarda
antes que chegue a força da noite
e me leve para o buraco do peito.

Não posso ceder à tantos aplausos
se me encontro sozinho em um labirinto profundo
de cruzes e rosários sufocantes.

Posso, no entanto, sorrir genuinamente, Posso caminhar numa manhã qualquer e sentir o vento me tocar.
Não sei se é possível.

Assim: me banho em novas ilusões e trajetos, enfastado, indelével – puro!

A guerra

O cometa se fechou em milhares de atlânticos
dos quais, em apenas um eu
sobrevoava.

Candidatos de todos os quadrantes da terra
se encontraram no poço das lágrimas
para uma batalha cruenta e lúcida
ao ritmo da orquestra solar.

Aromas sobrenaturais
exortaram a freguesia do pátio.
Foram para minha casa
pular indecentemente na cama
onde dormem eu e a população.
Fizeram vários filhos.

Nossos anseios terminaram defuntos
no autoritarismo doce dos cadeados.
O anel não coube em meu dedo, portanto
tiveram que decepá-lo.
Meus sentidos se prontificaram tenazes
aos movimentos da nuvem – a nuvem
em que habitamos.

Depois de me entregar aos pavores da guerra
e ceder minhas lágrimas às vulvas empoeiradas de